

Incentivos  
e EscolhasLuís Cabral  
lcabral@stern.nyu.edu

## FARMÁCIAS

**O Estado foi claramente o principal ganhador com a reforma na queda dos preços dos medicamentos, diminuindo a despesa do Sistema Nacional de Saúde**

A economia portuguesa mudou bastante nos últimos anos, e se há sector em que a mudança se notou, esse é o sector das farmácias. Para efeitos práticos, a mudança mais importante foi a queda nos preços pagos pelo Estado (o principal 'cliente'), o que por sua vez levou a uma quebra nas margens encaixadas pelas farmácias. Embora o número de farmácias não tenha diminuído, muitas farmácias encontram-se em dificuldades financeiras; e não é evidente que venham a sobreviver, especialmente as farmácias independentes pequenas.

Para muitos empregados nas farmácias, o choque implicou o desemprego ou a reforma antecipada. Para muitos outros, um novo "regime" de emprego (como veremos mais abaixo). Foram anos de difícil adaptação a um novo modelo de negócio, com todas as dores de cabeça que isso implica.

Para muitos directores técnicos e proprietários, foi um processo de ajustamento de expectativas. Muitos farmacêuticos (e alguns investidores) sentem-se defraudados pela mudança: tomaram decisões com base em certas expectativas e depois acabaram vivendo um pesadelo muito diferente do sonho com que começaram.

## A nova farmácia

O que acontece quando as margens recebidas por uma empresa baixam drasticamente? A análise microeconómica sugere dois efeitos. Primeiro, quando a sobrevivência de uma empresa está em risco, as pessoas fazem mais esforço. No caso das farmácias, é notória

### Uma poupança no Orçamento do Estado acaba por se reflectir em menores impostos

a passagem de um modelo de empregado passivo ("eu faço um favor ao cliente") para um modelo de empregado activo ("o consumidor faz-me um favor ao comprar aqui").

Um segundo efeito é que vários investimentos diminuem. Por um lado, investimentos que aumentam as vendas valem menos, pois as margens são menores. Por outro lado rápidas mudanças no quadro regulatório implicam maior incerteza sobre o futuro, e a incerteza é o pior inimigo do investimento.

## Ganhadores e perdedores

O Estado foi claramente o principal ganhador com a reforma, diminuindo significativamente a componente do Sistema Nacional de Saúde (SNS) destinada a medicamentos.

Os donos das farmácias foram claramente os principais perdedores: as margens baixaram drasticamente, pelo que cada farmácia vale muito menos do que valia há uma década, ou mesmo há cinco anos. Para um empregado de farmácia, a vida também é mais difícil: exige-se maior esforço de venda, para não falar de muitas horas de formação em período pós-laboral. (Um custo adicional da regulação foi o aumento do horário de abertura, mas esta medida foi entretanto revertida).

E os consumidores? O preço dos medicamentos (isto é a comparticipação do consumidor) baixou. A qualidade do serviço talvez tenha melhorado. No entanto, para o consumidor médio é agora mais difícil obter o medicamento desejado: primeiro, porque as farmácias mantêm menores níveis de stocks de medicamentos (devido às menores margens); e segundo, porque frequentemente há falta de oferta para o mercado nacional (as margens também são inferiores para os produtores e distribuidores). Conta-me uma farmacêutica que, por vezes, "passávamos horas ao telefone a implorar para nos arranjar medicamentos".

Finalmente, não nos podemos esquecer que o consumidor é também um cidadão. Por conseguinte, ao avaliar o que a reestruturação do sector significa para si, leitor, não podemos esquecer que uma poupança no Orçamento do Estado acaba por se reflectir em menores impostos (agora ou no futuro).

## Spin

Uma das 'maravilhas' da política é que, com o apropriado *spin*, permite extrair dos mesmos factos conclusões diametralmente opostas. Aqui vai um exemplo: a) A reestruturação do sector das farmácias permitiu a racionalização do sector, o que por sua vez ajuda a viabilizar o SNS. b) No fim de contas, os cortes nas comparticipações foram a forma de o Estado fazer o *bailout* de bancos corruptos à custa das poupanças de pequenos proprietários de farmácias.

Como quase sempre, a verdade está algures no meio.

Professor da Universidade de Nova Iorque e da Aese

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia